



Giselly dos Santos Peregrino

SECRETO E REVELADO, TÁCITO E EXPRESSO:

o preconceito contra/entre alunos surdos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da PUC-Rio como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em Educação.

Tese de Doutorado

Orientador: Marcelo Gustavo Andrade de Souza

Coorientadora: Wilma Favorito



Giselly dos Santos Peregrino

**Secreto e Revelado, Tácito e Expresso:
o preconceito contra/entre alunos surdos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação. Aprovada pela Comissão Avaliadora abaixo assinada.

Prof. Marcelo Gustavo Andrade de Souza
Orientador
Departamento de Educação – PUC-Rio

Prof.^a Wilma Favorito
Coorientadora
INES

Prof.^a Sonia Kramer
Departamento de Educação – PUC-Rio

Prof.^a Giovanna Marafon
Departamento de Educação – PUC-Rio

Prof.^a Celeste Azulay Kelman
UFRJ

Prof.^a Anelice Astrid Ribetto
UERJ

Prof.^a Denise Berruezo Portinari
Coordenadora Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas –
PUC-Rio

Rio de Janeiro, 03 de março de 2015.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, do orientador e da universidade.

Giselly dos Santos Peregrino

Giselly dos Santos Peregrino é licenciada em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Possui especialização em Educação de Jovens e Adultos e em Educação Especial/Inclusiva: Deficiência Auditiva/Surdez pela Universidade Gama Filho (UGF), além de aperfeiçoamento em Atendimento Educacional Especializado para Alunos Surdos e em Ensino de Língua Brasileira de Sinais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrou o Grupo de Estudos sobre o Cotidiano, Educação e Culturas (GECEC) da PUC-Rio, sendo bolsista de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Já atuou como docente na educação básica da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro (RJ) e de Nova Iguaçu (RJ) bem como de instituições privadas. Também atuou como tutora a distância em curso de aperfeiçoamento no Currículo Mínimo oferecido aos professores da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro e em curso de especialização em Educação Especial: Deficiência Auditiva/Surdez da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É professora de Língua Portuguesa e Literatura no Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (CAp/INES).

Ficha Catalográfica

Peregrino, Giselly dos Santos

Secreto e revelado, tácito e expresso: o preconceito contra/entre alunos surdos / Giselly dos Santos Peregrino; orientador: Marcelo Gustavo Andrade de Souza; coorientadora: Wilma Favorito. – 2015.
247 f.; 30 cm

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2015.
Inclui bibliografia

1. Educação – Teses. 2. Preconceito. 3. Surdez. 4. Adultos Surdos. 5. Libras. 6. Professores. 7. Educação de Jovens e Adultos. I. Souza, Marcelo Gustavo Andrade de. II. Favorito, Wilma. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. IV. Título.

CDD: 370

Com carinho e esperança,
aos alunos surdos e seus professores.

Agradecimentos

“[...] o bom da vida é a partilha das pequenas coisas. Aprendi isso na minha casa, com minha família, que foi o maior e melhor de todos os livros que já li. Foi lá que eu aprendi a dividir o que tenho e o que sou. Foi lá que eu aprendi a ser forte, mas também a ser frágil.”¹

“É verdade que a ação nunca pode se dar em isolamento, dado que a pessoa que começa alguma coisa só pode aventurar-se nela depois de ter granjeado a ajuda de outros.”²

Como exprimir a delicadeza do afeto e da gratidão? No mosaico de mãos e vozes, como mensurar o tamanho das amizades? É possível hierarquizar amores ou citar nomes e sinais queridos? Como trazer à luz a impalpável saudade? Como enfatizar o imensurável carinho? Como explicar a impagável e inapagável presença? Como sobreviver ao labirinto de corações se me esquecer de alguém?

Começo pelo infinito, pela maior das gratidões e pelo maior dos amparos. Sem este porto seguro, nada seria sequer iniciado, tampouco concluído. Começo por Aquele sem O qual nenhum pensamento sopraria e nenhuma palavra brotaria – **DEUS**, meu *melhor orientador*. Pela intercessão – e por que não *coorientação*? –, agradeço à expressão mais bela da misericórdia e amor: **NOSSA SENHORA!**

“A saudade é o que faz as coisas pararem no Tempo”, poetizava Mario Quintana... À vovó **HELOISA**, de quem herdei o amor plural pelo mundo e o desejo de perscrutar o insondável e esperar pelo inesperado! E à vovó **ANAIR**, com quem aprendi sobre os delicados e dedicados caminhos da fé. As duas já voaram embora, mas alicerçaram, com ternura, todas as minhas conquistas.

Sou muitíssimo grata pelo amor, sem princípio nem fim, dos meus pais – **AGNALDO** e **ELIANA** –, peregrinos responsáveis pelo meu novo início. A partir deles, tomei amor pelas palavras e gestos, rendi-me aos livros, passei a ler o mundo, formei-me moralmente... Trago, na bagagem da vida, seus ensinamentos a partir do olhar. Como agradecer, simplesmente, por TUDO?

¹ MELO, 2011, p. 72.

² ARENDT, 2012, p. 183.

Ao companheiro de todas as horas, que torce e se contorce fazendo o impossível para encher de leveza minha vida: **LEANDRO**, meu marido e amigo, cujo apoio me favoreceu a realização da tese. Sem sua promessa antiga de sempre haver (sor)riso, nenhum dia, durante o doutorado, seria suportável. Sua presença alegre é fundamental, propiciando-me ideias, pondo em xeque minhas descobertas, auxiliando diariamente em TUDO...! Foi meu *orientador não acadêmico* e interlocutor privilegiado, com quem converso, todos os dias, sobre os incalculáveis preconceitos de todos nós.

Ao meu avô poeta e filósofo **VALTINHO**, que tem mais experiências narráveis do que todos que conheço. Dele herdei o apelo pelo não esquecimento, pelo imaginado, pelo sem fim, pelo nada ampliado...

À minha irmã, **GABRIELLY**, pelos risos e sorrisos desmedidos que fortalecem as pessoas. Mostra, com atos, que o amor/humor é indispensável na experiência de um trabalho acadêmico.

Ao meu cunhado **MAURICIO**, por compreender que não sou da informática, mas da “invencionática”. Sou grata pelos socorros tecnológicos.

Àqueles que me ensinam a simplicidade e foram companheiros de tese, sentenciando-me como árvore. Seja sobre meus ombros, seja sobre os livros, lá estavam acompanhando-me **LILI, GUIZINHA e AGNILDO**, amores com asas!

Ao **INES**, que me propiciou uma inesperada e inesquecível experiência profissional. Ademais, em boa hora, proporcionou-me a licença para produzir, com mais saúde e serenidade, esta tese.

À minha coorientadora, Prof.^a Dra. **WILMA FAVORITO (DESU/INES)**, por sua leitura amiga e por me permitir compartilhar histórias, questões e tensões.

Aos **ALUNOS SURDOS DO CAp/INES** (A₁, A₂, A₃, A₄ e A₅) e seus **PROFESSORES** (P₁, P₂, P₃, P₄ e P₅), que se disponibilizaram a colaborar com a pesquisa e sem os quais estas páginas não teriam vida... E àqueles que impulsionaram a pesquisa, **MEUS ALUNOS SURDOS** desde 2010.

Aos professores do DEBASI/INES que me são bastante queridos: **ALESSANDRA GOMES, ALINE DIAS, AMANDA RIBEIRO, ANA LUÍSA ANTUNES, ANGÉLICA NUERNBERG, CAROLINA MAIA, CHRISTIANA LEAL, DANIELLE LINS, DANIELLE MACEDO, ISABEL MALLET, JAQUELINE COSENDEY, LÍVIA BUSCÁCIO, LUIZ CARLOS SOUZA, MARISE PÔRTO, REGINA CARDOSO, RONALDO OLIVEIRA e VERÔNICA LOURO.**

Ao intérprete de Libras **RAMON LINHARES**, pelas dicas preci(o)sas e pela tradução do resumo da tese para o *SignWriting*.

Aos **EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS** (PEJA₁, PEJA₂, PEJA₃, PEJA₄ e PEJA₅), por gentil e prontamente consentirem contribuir com esta pesquisa, oferecendo sua voz e pensamento.

À **CAPES**, pelos auxílios financeiros concedidos desde 2013 e que me injetaram, em momento preciso, mais ânimo, fôlego e tranquilidade para concluir este trabalho.

À **PUC-Rio**, que me recebeu em 2008 como mestranda e em 2011 como doutoranda, agradeço pela bolsa VRAc. Sou grata, sobretudo, ao **DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO** com seus **professores e demais profissionais**.

Ao meu orientador no doutorado, Prof. Dr. **MARCELO ANDRADE**, que me recebeu cordialmente e incentivou a autonomia intelectual desde o início, mostrando-me o lado humano do universo acadêmico. Ensinou-me que tolerar não é pouco e que as diferenças nos constituem. Registro meu agradecimento pela orientação cautelosa, diálogo e abertura fraterna à minha “desobediência”!

Aos colegas que deram/dão vida e voz ao **GECEC**, por toda a torcida e pelas contribuições à minha pesquisa.

À Prof.^a Dra. **ROSANA BINES** (PUC-Rio), minha orientadora no mestrado, que me sugeriu mudar de campo no doutorado, fazendo-me peregrinar

por outros territórios – não menos (po)éticos. Fez parte da minha caminhada como pesquisadora.

À Prof.^a Dra. **SONIA KRAMER** (PUC-Rio), pela escuta sensível e compreensão responsiva nas disciplinas e nos dois exames de qualificação.

À Prof.^a Dra. **ALICE FREIRE** (UFRJ), pelas sugestões acuradas no primeiro exame de qualificação, em julho de 2013.

À Prof.^a Dra. **CELESTE KELMAN** (UFRJ), pela humildade no compartilhamento de ideias, desde o segundo exame de qualificação, em outubro de 2014.

À Prof.^a Dra. **GIOVANNA MARAFON** (PUC-Rio) e à Prof.^a Dra. **ANELICE RIBETTO** (UERJ), por aceitarem participar da banca final e abrir-se ao diálogo a partir da leitura desta tese.

Resumo

Peregrino, Giselly dos Santos; Andrade, Marcelo (orientador); Favorito, Wilma (coorientadora). **Secreto e Revelado, Tácito e Expresso: o preconceito contra/entre alunos surdos**. Rio de Janeiro, 2015. 247p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta tese de doutorado partiu da hipótese de que juízos engessados acerca da surdez continuam a ser repetidos nos enunciados e a ser sentidos por pessoas surdas, apesar do avanço da discussão sobre as diferenças. A principal questão de pesquisa é como se dá o preconceito contra/entre alunos surdos. Objetivou-se compreender esse fenômeno, conceituando-o, identificando suas expressões nos enunciados de professores, analisando como os estudantes surdos percebem e avaliam esse processo e contribuindo para uma educação contra o preconceito. Examinaram-se diferentes perspectivas sobre o conceito de preconceito – Gordon Allport, Theodor Adorno & Max Horkheimer, Hannah Arendt, Arnold Rose, Agnes Heller, entre outros. Sendo os preconceitos, por vezes, expressos no discurso, a entrevista confirmou-se como procedimento fundamental. Os participantes deste estudo foram: cinco alunos surdos adultos, cinco professores de jovens e adultos surdos e cinco professores atuantes na Educação de Jovens e Adultos (EJA) os quais nunca tiveram surdos como alunos. As entrevistas foram ancoradas na abordagem sócio-histórica e, sendo semiestruturadas, partiram de um roteiro norteador. Concluiu-se que estudantes surdos têm dificuldades para perceber o preconceito por não compartilharem a língua com o sujeito preconceituoso e, ao mesmo tempo, conseguem apreender o fenômeno por meio de formações imaginárias e inferências. Observou-se que perceberam mais preconceito contra si em escolas anteriores nas quais conviviam com alunos que não são surdos. Por outro lado, registraram que, mesmo entre pessoas surdas, há expressões de preconceito, comprovando que não são imunes a ele, mesmo sofrendo com suas manifestações. Apontaram que costumam ou podem reagir ao preconceito com desprezo, com diálogo, por meio de medidas judiciais, responsabilização de Deus ou com violência física. Avaliaram que, mesmo em

tempos que supostamente valorizam a inclusão socioeducativa, ainda não há entendimento, diálogo nem troca. Por sua vez, os professores elaboraram concepções de preconceito que não se vinculam diretamente ao preconceito que manifestam. Metade deles assumiu ser abertamente preconceituoso; no entanto, seus discursos, coerentemente com o politicamente correto, traziam o preconceito ora secreto, ora revelado; ora tácito, ora exposto. E, às vezes, tudo isso simultaneamente, em um verdadeiro jogo de esconde-esconde. Concluiu-se que a experiência com estudantes surdos não potencializa o preconceito, mas pode favorecer seu fortalecimento ou sua desconstrução forçosa. A não experiência, por outro lado, tende a propiciar a perpetuação de juízos passados e não reelaborados, bloqueando, assim, (novas) vivências com o alunado surdo.

Palavras-chave

Preconceito; surdez; adultos surdos; Libras; professores; Educação de Jovens e Adultos.

Abstract

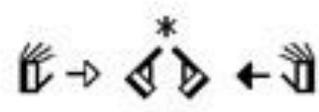
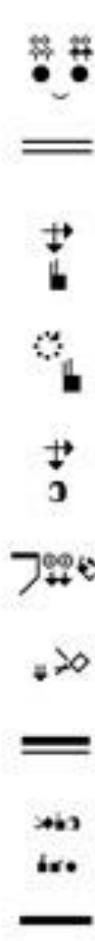
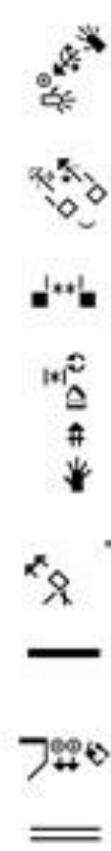
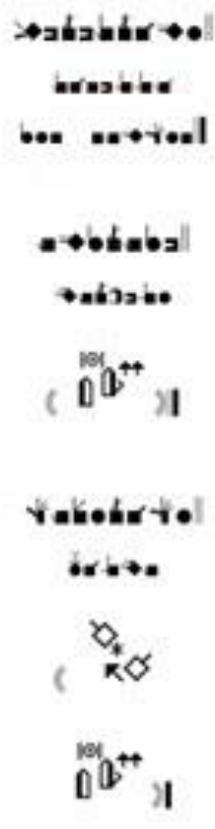
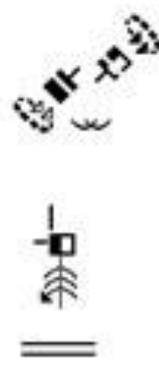
Peregrino, Giselly dos Santos; Andrade, Marcelo; Favorito, Wilma. **Secret and Revealed, Implicit and Expressed: prejudice against/among deaf students.** Rio de Janeiro, 2015. 247p. Doctoral Thesis – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

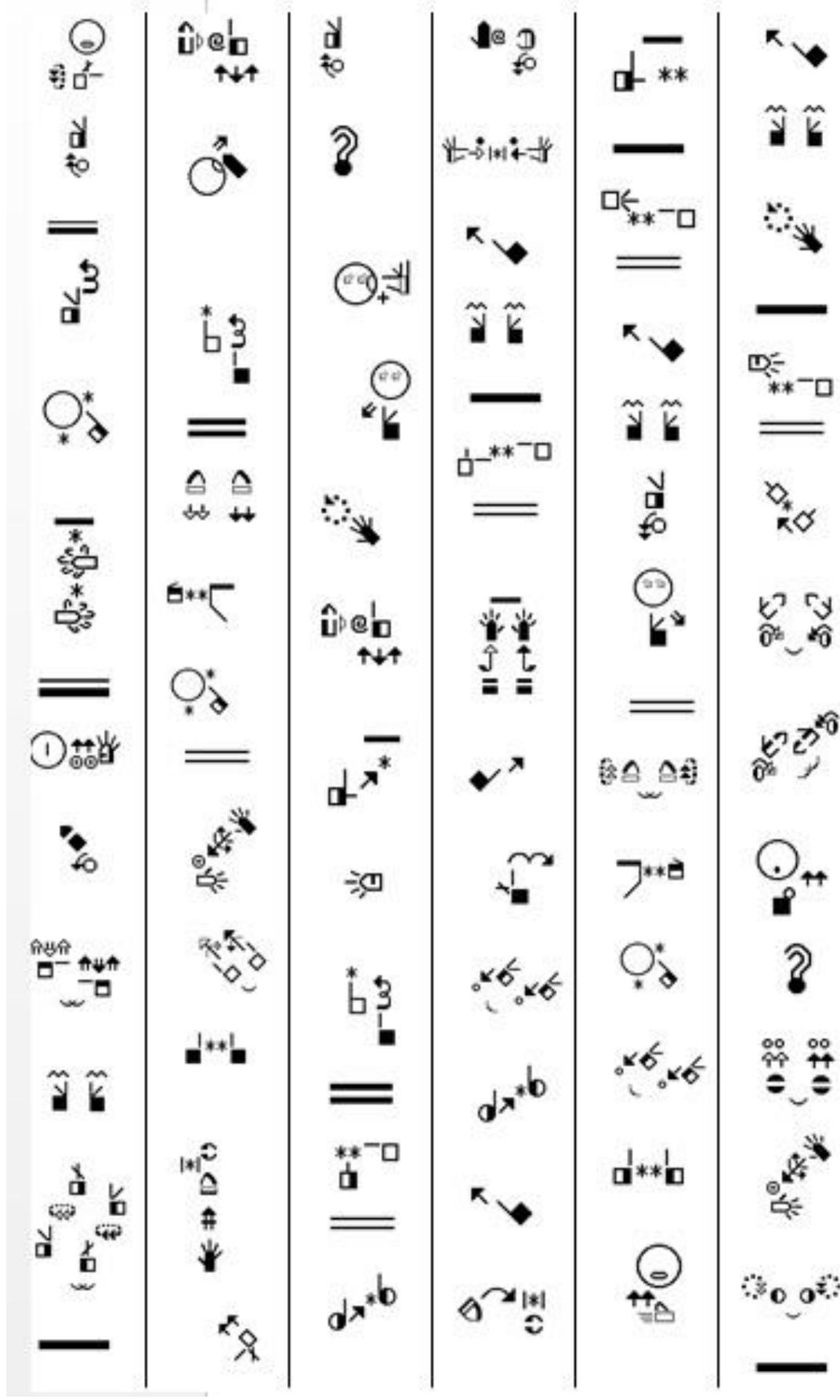
This doctoral thesis is based on the assumption that preconceived opinions about deafness continue to be repeated in assertions and felt by deaf people, despite the progress of discussions on differences. The main point of the research is how prejudice originates against/among deaf students. The purpose is to understand this phenomenon, describing it, identifying its expressions in the discourse of teachers, analyzing how deaf students perceive and assess this process and contributing to an education against prejudice. The prejudice concept was examined through different perspectives – Gordon Allport, Theodor Adorno & Max Horkheimer, Hannah Arendt, Arnold Rose, Agnes Heller, among others. As prejudice is at times expressed in speech, interviews were regarded as an essential procedure. The participants in this study were: five adult deaf students, five teachers of deaf youngsters and adults, and five teachers engaged in *Educação de Jovens e Adultos (EJA)* [Education of Youngsters and Adults] who had never taught deaf students. Interviews were based on a socio-historical approach and, being semi-structured, they followed a guiding script. The conclusion was that deaf students have difficulty in perceiving prejudice because they do not share the language with the prejudiced person but, at the same time, they do notice the phenomenon through imaginary concepts and inferences. They perceived more prejudice against them in previous schools in which they interacted with students who were not deaf. On the other hand, they affirmed that even among deaf individuals there are prejudiced expressions, which proves they are not immune to prejudice, even suffering from it. They pointed out that they may react to prejudice with disdain, through dialogue, by means of legal remedies, blaming God or using physical violence. They affirmed that, even in times that supposedly value socio-educative inclusion, there is still no understanding, dialogue or change. In turn, teachers elaborate prejudice conceptions that do not

directly match the prejudice they express. Half of them assumed to be prejudiced; however, in their discourse, consistent with the politically correct behavior, they showed their prejudice either in a secret or revealed way; sometimes implied and sometimes expressed. And, at times all that simultaneously, in a true hide-and-seek game. The conclusion was that the experience with deaf students does not increase prejudice, but it may favor either its strength or its forced deconstruction. The lack of interchange, on the other hand, tends to reinforce the continuation of past and not reelaborated judgments, thus blocking (new) personal experiences with deaf students.

Keywords

Prejudice; deaf; deaf adults; Libras; teachers; Education of Youngsters and Adults.







Sumário

1 PALCO DE ENCONTRO COM O PRECONCEITO E A SURDEZ 24

1.1. DO SUSTO À ENTRADA NO PALCO	24
1.2. NO LIMIAR DO DIÁLOGO.....	28
1.3. VOZES PRECEDENTES	31
1.4. BASTIDORES DA PESQUISA	47

2 EXPERIÊNCIAS DE ALUNOS SURDOS COM O PRECONCEITO 75

2.1. PERFIL DOS ALUNOS SURDOS	76
2.2. “É ASSIM: EU FICO SEM ENTENDER, MAS AS COISAS NÃO PARAM, CONTINUAM ACONTECENDO”	80
2.3. “PARA ELES, SIGNIFICA ‘MACAQUICE’, PROVOCAM COM ISSO”	93
2.4. “ELES OLHAM OS SURDOS COMO COITADOS QUE SÃO MUDOS”	103
2.5. “FALA! ABAIXA AS MÃOS E FALA!”	111
2.6. “ESTOU ENTRE IGUAIS, OS OUTROS SÃO SURDOS COMO EU”	128
2.7. “EU ‘DEIXO PARA LÁ’, DEIXO NAS MÃOS DE DEUS!”	148
2.8. “AINDA NÃO HÁ ENTENDIMENTO, DIÁLOGO, TROCA!”	157

3 CONCEPÇÕES, EXPRESSÕES E PERCEPÇÕES DE PRECONCEITO POR PROFESSORES 160

3.1. PERFIL DOS PROFESSORES DE SURDOS	161
3.2. PERFIL DOS PROFESSORES NA EJA.....	165
3.3. “EU TERIA, DE REPENTE, UM MEDO PRÉVIO, UM PÉ ATRÁS PRÉVIO”	167
3.4. “A DEFICIÊNCIA GERA UMA DIFICULDADE COGNITIVA GRANDE”	182
3.5. “ESTÁ TUDO DENTRO, INFELIZMENTE, DO MESMO PACOTE”	203
3.6. “SE EU NÃO SEI QUEM É, EU TENHO PRECONCEITO CADA VEZ MAIS”	211

4 CONSIDERAÇÕES QUASE FINAIS 216

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 226

APÊNDICE..... 239

A. ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS SURDOS 239

B. ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES DE SURDOS ADULTOS 240

C. ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES NA EJA 242

D. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 244

ANEXOS..... 245

A. PARECER DA COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-RIO..... 245

B. AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE SURDOS 246

C. ALFABETO MANUAL 247

Lista de siglas e abreviaturas

ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
A ₁	Aluno surdo 1
A ₂	Aluno surdo 2
A ₃	Aluno surdo 3
A ₄	Aluno surdo 4
A ₅	Aluno surdo 5
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAp/INES	Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos
CODA	<i>Children of Deaf Adults</i> (filhos ouvintes de pais surdos)
EJA	Educação de Jovens e Adultos
F	Feminino
GECEC	Grupo de Estudos sobre o Cotidiano, Educação e Cultura(s)
GT 15	Grupo de Trabalho (n.º 15) de Educação Especial da ANPEd
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LGBTTT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
Libras	Língua Brasileira de Sinais
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
M	Masculino
P ₁	Professor de surdos 1
P ₂	Professor de surdos 2
P ₃	Professor de surdos 3
P ₄	Professor de surdos 4
P ₅	Professor de surdos 5
PEJA ₁	Professor na Educação de Jovens e Adultos 1
PEJA ₂	Professor na Educação de Jovens e Adultos 2
PEJA ₃	Professor na Educação de Jovens e Adultos 3
PEJA ₄	Professor na Educação de Jovens e Adultos 4
PEJA ₅	Professor na Educação de Jovens e Adultos 5
TL _{LS/LP}	Tradutor e Intérprete de Libras / Língua Portuguesa

Índice de quadros

QUADRO 1: QUANTITATIVO DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS (2008 A 2012)	28
QUADRO 2: SUJEITOS DE PESQUISA – QUANTITATIVO E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO	58
QUADRO 3: CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS SURDOS	76
QUADRO 4: CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES DE SURDOS ADULTOS	161
QUADRO 5: CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES NA EJA	165
QUADRO 6: ESCOLHAS DOS PROFESSORES – O QUE TEM E O QUE NÃO TEM RELAÇÃO COM A SURDEZ	180

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão –, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa.

Mikhail Bakhtin

“A forma espacial da personagem”, in *Estética da criação verbal*

*Por que prender a vida em conceitos e normas?
O Belo e o Feio... o Bom e o Mau... Dor e Prazer...
Tudo, afinal, são formas
E não degraus do Ser!*

Mario Quintana

“Da perfeição da vida”, in *Espelho Mágico*

Repito: compreender não significa negar o ultrajante, subtrair o inaudito do que tem precedentes, ou explicar fenômenos por meio de analogias e generalidades tais que se deixa de sentir o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa antes examinar e suportar conscientemente o fardo que os acontecimentos colocaram sobre nós – sem negar sua existência nem vergar humildemente a seu peso, como se tudo o que de fato aconteceu não pudesse ter acontecido de outra forma. Compreender significa, em suma, encarar a realidade, espontânea e atentamente, e resistir a ela – qualquer que seja, venha a ser ou possa ter sido.

Hannah Arendt

in *Origens do Totalitarismo*